



Centro Universitário de Brasília - UniCEUB
Faculdade de Ciências da Educação e Saúde - FACES
Curso de Psicologia

i

Pornografia, adicção e psicanálise: uma interface entre cultura e inconsciente

Isabella Viviana Rocha Lara Resende

Brasília

Junho de 2023

Pornografia, adicção e psicanálise: uma interface entre cultura e inconsciente

Isabella Viviana Rocha Lara Resende

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências da Educação e Saúde (FACES) do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB) como requisito à conclusão do curso de psicologia.

Professora-orientadora: Livia Campos e Silva

Brasília

Junho de 2023

Isabella Viviana Rocha Lara Resende

Pornografia, Adicção e Psicanálise: uma interface entre cultura e inconsciente

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências, Educação e Saúde do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, no curso de Psicologia.

Professora-orientadora: Me. Livia Campos e Silva

Brasília, 24 de junho de 2023

Banca examinadora

Me. Livia Campos e Silva

(Presidente - Orientadora)

Dr. Juliano Moreira Lagoas

(Parecerista)

Dr. Guilherme Freitas Henderson

(Convidado)

Agradecimentos

Agradeço primeiramente à minha mãe, que sempre me apoia em minhas decisões e me auxilia a encontrar o melhor caminho, e à minha família, que é minha base, que me ampara e sempre se faz presente: tia Karina, tia Karen, vó, Blito, Isadora e Vítor.

Agradeço ao meu namorado Lucas, que além de ser meu companheiro de vida, foi fundamental em minha jornada acadêmica e me fez acreditar em mim mesma muitas vezes, e à toda sua família, que além de muito amorosa, também sempre se faz presente.

Agradeço também às minhas amigas e colegas de profissão que tornaram a caminhada do curso de psicologia mais leve, agradável e repleta de trocas contribuidoras para a minha formação tanto profissional quanto pessoal. Daniella, Bruna, Ana Carolina e Isabela, um grupo que me faz ver o futuro da psicologia com bons olhos e segurança.

Por fim, agradeço a todos os meus professores, que foram essencialmente importantes de forma direta na minha formação, sempre servindo de inspiração e se mostrando dispostos a colaborar com aprofundamentos teóricos ou debates mobilizantes. E, principalmente, à professora Lívia, que orientou este trabalho com zelo e me ajudou a adentrar nessa aventura, que é a pesquisa psicanalítica.

Resumo

A pornografia é consumida em larga escala e afeta a condição psicosssexual de jovens e adultos. O avanço da tecnologia é um fator que contribui para esse consumo exagerado, tanto na facilidade e discrição de acesso quanto no mal-estar e vulnerabilidade emocional que permeiam a contemporaneidade, trazidos por esse novo imediatismo característico do século. Assim, atualmente nota-se uma maior tendência do ser humano em desenvolver compulsões acerca dos mais diversos objetos, sendo um deles, a pornografia. Os resultados revelaram prejuízos nos processos de simbolização e elaboração desejante dos participantes, impactos na autoestima e no desempenho sexual, como comparações, impotência sexual e frustrações em não conseguir reproduzir cenas desejadas. Ademais, o paradoxo entre a rejeição moral de certos temas e a procura pelos mesmos na pornografia revelaram o retorno do reprimido em forma de desejos inconscientes, uma vez intoleráveis à consciência mas permitidos no vasto mundo do pornô. Por fim, atravessamentos de gênero no que tange à objetificação do corpo feminino e a reverberação disso na relação da mulher com o sexo, igualmente contemplados nos resultados.

Palavras-chave: pornografia; compulsão; psicanálise; sexualidade; contemporaneidade.

Abstract

Pornography is consumed on a large scale affecting the psychosexual condition of young people and adults. The advancement of technology is a factor that contributes to this exaggerated consumption, both in the ease and discretion of access, as well as in the discomfort and emotional vulnerability which permeate contemporaneity, coming from this new immediacy characteristic of the century. Thus, there is currently a greater tendency of human beings to develop compulsions about the most diverse objects, one of them being pornography. The results revealed damage in participants' processes of symbolization and desiring elaboration; impacts on self-esteem and sexual performance, such as comparisons, sexual impotence and frustrations in not being able to reproduce desired scenes. Moreover, the paradox between the moral rejection of certain themes and the search for them in pornography revealed the return of the repressed in the form of unconscious desires, once intolerable to consciousness but allowed in the vast world of porn. Finally, gender crossings with regard to the objectification of the female body and the reverberation of this in the woman's relationship with sex, also included in the results.

Keywords: pornography; compulsion; psychoanalysis; sexuality; contemporaneity.

Sumário

Introdução.....	1
Capítulo 1: Pornografia, compulsão e contemporaneidade.....	6
1.1 Mal-estar contemporâneo, erotismo e pornografia.....	6
1.2 Adicção, pulsão e compulsão à repetição.....	10
1.3 Sexualidade, recalçamento e masculinidades.....	16
Capítulo 2: Método.....	21
Capítulo 3: Resultados e discussões.....	28
3.1 Sociedade do desprazer.....	28
3.2 Relação com o sexo.....	31
3.3 Autoimagem e desempenho sexual.....	37
Considerações finais.....	41
Referências.....	44
Apêndices.....	49
Anexos.....	52

Introdução

Pesquisas recentes revelam números significativos referentes ao consumo de pornografia no Brasil: 22 milhões de brasileiros assistem a materiais pornográficos, sendo 76% homens (Muraro, 2018). Além disso, impressiona os algoritmos de acesso mensal dos sites pornô *XVideos* e *Pornhub*, que contam respectivamente com 880 e 321 milhões de visitas mensais, ocupando o 3º e o 7º lugar dos sites mais populares do Brasil (Casagrande, 2022).

Cerca de 46% dos que assistem pornografia semanalmente são homens, e destes, de 6% a 28% consideram esse consumo como “problemático, enquanto 16% são mulheres (Wilson, 2016). Além disso, pesquisas apontam que o consumo de pornografia torna-se comum aos 15 anos e que os jovens assistem em média a 2 horas de pornografia por semana. Levando em consideração que estes mesmo jovens têm suas primeiras relações sexuais aos 17 anos, estima-se que eles tenham assistido por volta de 1.400 seções de pornografia antes de sua primeira relação. Isso se deve à facilidade de acesso a conteúdos de cunho pornográfico devido ao rápido avanço tecnológico das últimas décadas.

Dentre as consequências de um avanço tecnológico e científico extremamente acelerado e inusitado estão a vulnerabilidade, a instabilidade e o mal-estar característicos do século XXI, que são propulsores de um imediatismo desesperado e que transformam o longo prazo em algo desconfortável e inviável e isso afeta a constituição psicosssexual do sujeito.

Nesse atual contexto de imediaticidade, as consequências levam o sujeito à exaustão e ao desaparecimento do interesse, oferecendo terreno para um novo tipo de sentimento de precariedade da humanidade. O “curto prazo” é o único possível e os objetos “transitórios” são os atuais: aqueles destinados à descartabilidade em seu processo de consumo. A nova instantaneidade mudou completamente a forma do homem de se relacionar (Bauman, 2000).

A verdadeira satisfação do desejo se apaga e a intolerância à frustração sobressai (Levy, 2010).

Em um cenário cotidiano angustiante e ansioso diante da demanda incessante de prazeres imediatos que amenizem esse sentimento coletivo de mal-estar, é característico o aumento de tendências compulsivas, aditivas e excessivas (Brecha, Lopez & Postigo, 2012). Nesse sentido, a busca pelo prazer torna-se o objetivo diário das pessoas, de forma que estão o tempo todo à procura de uma anestesia da realidade. Uma das formas mais grosseiras, porém eficaz de afastar-se do desprazer e simultaneamente causar sensações prazerosas é a utilização de substâncias (Freud, 1930).

Freud (1920) demonstra, por meio da brincadeira de uma criança, a representação da satisfação de um desejo através da anterior renúncia pulsional e Levy (2010) relembra que é na lacuna temporal entre o desejo e sua concretização que o pensamento opera e é este processo que possibilita o desenvolvimento de processos simbólicos do sujeito. O prejuízo destes processos danifica a possibilidade de imaginação criativa do sujeito, que, por sua vez, afeta sua elaboração desejante. Assim, a atualidade exercita-se de forma anti-imaginativa na dimensão cultural da imagem: a fantasia masturbatória se reduz ao terreno da imagem imediata, o clique de hoje se contrapõe à imaginação remota e as consequências psicosssexuais recaem como um fenômeno da contemporaneidade (Baudrillard, 1999 como citado em Levy, 2010). Em outras palavras, o exercício contemporâneo exacerbado de satisfação sexual por meio de conteúdos imediatos vêm afetando a constituição desejante dos jovens e suas consequências são diversas.

Ainda nessa linha de raciocínio, Birman (2004) conta como o mal-estar contemporâneo pode reverter-se em ações compulsivas. A ação é o caminho para a liberação do excesso e, por consequência, da angústia. Um atributo da contemporaneidade são as formas de subjetivação que se manifestam em tom de ações compulsivas: repetições de ações

explicadas pelo não-alcance do objeto - por isso a repetição. O eu do sujeito é incapaz de controlar o impulso, que objetiva o prazer através daquele objeto mas que não consegue se satisfazer verdadeiramente por meio dele.

Acredita-se que este contexto de mal-estar contemporâneo, causador de um sentimento de excesso angustiante da individualidade (Birman, 2004; Kristeva, 1993; Bauman, 2000), de uma contemporaneidade que evidencia o sexo em imagens de várias formas (Moraes, 2004) e do desenvolvimento psicosssexual desde a infância característico de cada sujeito (Freud, 1905) contribui para uma subjetivação moderna pautada em ações sintomáticas de compulsão e repetição, mais especificamente, em ações voltadas ao consumo de pornografia.

Também é necessário comentar sobre a reprodução de uma visão objetificada de corpos femininos no âmbito pornográfico, demonstrando que estes conteúdos são em sua maioria feitos por homens e para homens (congruente com a significativa diferença de espectadores de pornografia, sendo em sua maioria homens) (Lagazzi et. al., 2017). Essa condição favorece a perpetuação de uma sociedade machista e patriarcal, além de causar consequências para os próprios homens, em termos de relacionamentos, de relações sexuais e reais (Zimbardo et al., 2016) e de processos simbólicos ligados ao desejo e à subjetividade (Levy, 2010).

A partir das discussões até agora apresentadas, algumas indagações emergem: de que forma o fácil acesso a conteúdos pornográficos na internet vem influenciando a constituição da subjetividade de jovens, de forma a interferir em sua dimensão desejante, por vezes de forma patológica? Quais os efeitos de uma cultura hegemônica dominante que, ao mesmo tempo em que instiga o consumo de conteúdos pornográficos, os rechaça moralmente? Como a interface entre fatores culturais, subjetivos, inconscientes e sociais contribuem para o desenvolvimento de adições em conteúdos pornográficos na atualidade?

Pensando nas indagações explicitadas, o objetivo deste trabalho foi de investigar a constituição da adicção em pornografia na atualidade, através de um escopo psicanalítico e considerando os fatores socioculturais, subjetivos e inconscientes que permeiam a sua constituição, sendo o principal foco do presente estudo. Congruente a isso, o entendimento de como a acessibilidade a conteúdos pornográficos, principalmente por meio da internet, favorece o desenvolvimento de um uso patológico e prejudicial aos que usufruem dessas representações; a compreensão do que é a adicção e de que forma ela se manifesta em relação à pornografia; o entendimento da forma que o vício em pornografia é inserido no contexto singular da vida de cada sujeito; quais as principais consequências para os que são afetados por essa adicção, e como isto pode se entrelaçar a questões de gênero.

A elucidação dessas questões possui importância em diversos setores. Primeiramente, possibilitaria um melhor entendimento sobre as consequências que a pornografia digital pode causar nas vivências psicosssexuais, principalmente de jovens, levando em consideração este fenômeno como algo novo na humanidade (Lopes, 2016). Esse conhecimento é capaz de enriquecer o olhar do analista ao se deparar com um caso similar na clínica, por exemplo, ajudando a compreender as causas e contextos sociais que podem favorecer essa compulsão. Além disso, contempla sobre desdobramentos psíquicos segundo as pulsões, o desejo e a adicção e como estes conceitos estão atrelados à sexualidade. Ter essas noções é algo importante para pensar acerca de estratégias clínicas que lidem com esse tipo de situação e aprimorar a escuta de quem ocupa um espaço psicoterapêutico de cuidado e transformação.

Além disso, a pesquisa também revela sua importância social, escancarando danos subjetivos consideráveis causados por uma prática atualmente banalizada. A intenção não é deturpar e condenar moralmente a pornografia mas demonstrar os perigos que o seu uso rígido representa, principalmente pelo seu teor altamente viciante (Giddens, 1993) e pela sua alta propagação em um século marcado pela angústia, o que potencializa um consumo

patológico. Serve como alerta para aqueles que investem tempo e libido neste tipo de material.

Para mim, o tema surgiu como grande interesse de objeto de pesquisa levando em conta seu atravessamento em tópicos relacionados à sexualidade, à adicção e aos fenômenos sociais, desdobrando-se também em importantes questões de gênero e constituição psíquica. Além disso, foram encontradas poucas pesquisas que abordassem o tema através da perspectiva patológica, social e psicanalítica, demonstrando potencial produção de informações úteis para a ciência, a clínica, aos que sofrem e para os demais interessados no assunto.

Pornografia, compulsão e contemporaneidade

A fim de dar início ao debate técnico relacionado às indagações apresentadas, a fundamentação foi dividida em três seções inter-relacionadas: (1.1) *Mal-estar contemporâneo, erotismo e pornografia*, (1.2) *Adicção, pulsão e compulsão à repetição*, (1.3) *Sexualidade, recalcamiento e masculinidades*.

1.1 Mal-estar contemporâneo, erotismo e pornografia

Kristeva (1993) discorre sobre o sofrimento do homem moderno que, diante de uma atualidade estressante que instiga a compra e o consumo, é conformado a investir em objetos menores e desvalorizados, que não levam a uma verdadeira satisfação. O homem moderno não possui identidade sexual, subjetiva e moral: a dimensão psíquica responsável pelas representações simbólicas dos valores significantes para o sujeito está saturada de alívios imediatos que operam através de imagens. A mídia tem o poder de captar angústias e desejos e destituir-lhes de sentido. Essa modificação psíquica em massa configura uma nova humanidade.

Relacionado a isso, Bauman (2000) traz reflexões acerca do mundo virtual: nele, cada um fica aquém da realização prometida, ou seja, a satisfação possui curta durabilidade. Isso porque as possibilidades são inacabáveis e os objetos ali encontrados são inesgotáveis. Nessa sociedade, a demanda por prazer torna-se o foco, o objetivo, a finalidade inquestionável e intrínseca à vivência humana.

O mal-estar manifesta-se no sentido da ação. O excesso de angústia traduzido na repetição do mesmo (compulsão) reflete o impossível alcance do objeto. Birman (2004) destaca algumas modalidades de compulsão contemporâneas e duas delas serão objeto de reflexão, levando em conta uma possível analogia com a pornografia. Primeiramente, a adicção no uso de drogas. Essa compulsão não diz respeito somente a drogas ilícitas, vai do

fumo e uso de bebida alcoólica a medicamentos de cunho psiquiátrico. É entendida como uma das formas mais conhecidas de se distanciar dos desprazeres contemporâneos e mostra a cultura de intoxicação da atualidade: circunscreve-se no estilo de viver atual, algo muitas vezes banalizado e naturalizado. Depois, o consumismo: qualquer material passível de ser adquirido por meio da compra está sujeito a se tornar uma compulsão. O *ter* é fundamental. Possuir algo, por mais que não se utilize, tem o poder de gerar uma sensação de preenchimento e segurança, levando a um alívio demarcado pelo status.

A toxicomania e o consumismo são analogias perfeitas para a adicção em pornografia. Assim como a toxicomania, a pornografia gera um alívio do desprazer inserido na realidade por meio de uma fuga desta. E, assim como o consumismo, é uma fonte de materiais inesgotáveis que demarcam uma posição de status e pertencimento.¹ E, como ambos, representa uma maneira muitas vezes banalizada e incorporada culturalmente, sem muitas reflexões acerca de suas consequências em relação a lidar com o desprazer. A atual sociedade não intenciona a saciação de uma necessidade, mas sim, a constante, artilosa, contraditória e insaciável *demanda por prazer*.

A pornografia é a exposição evidente e explícita de práticas sexuais humanas sem deixar marcos para outras interpretações. Nesse aspecto, ela difere do erotismo, algo que permeia o campo da fantasia, do desejo e da criatividade. A pornografia tem o poder de anular o desejo a partir do momento que entrega aquilo que a libido cobiça, sem deixar espaços para a idealização ou imaginação (Abreu, 1996 como citado emValente, s.d). Quando o âmbito afetivo está presente, provavelmente o teor sexual é erótico, porém quando há a crua exposição de posições, corpos, imagens e uma dimensão descritiva, pode-se interpretar como pornografia (Lagazzi, Sedlmaier & Rodrigues, 2017).

¹ Assistir pornografia também demonstra um jeito de se inserir em grupos com certos ideais de masculinidades.

O erotismo e a representação da sexualidade humana das mais variadas formas existem desde os primórdios da humanidade. A exibição de sexo e nudez é algo encontrado na sociedade de Atenas há mais de 2.500 anos, por meio de pinturas de cenas eróticas em vasos, por exemplo. Além disso, os romanos faziam decoração com esculturas eróticas, eram fãs de festas de sexo, sendo comum também textos pornográficos e desenhos com cenas obscenas. Na Índia, o Kama Sutra foi escrito no século 2 d.C. e o sexo era considerado algo divino. Na idade média, por volta do século VI, esse tipo de conteúdo passou a ser intolerável moralmente devido à ascensão do catolicismo e apenas no século XV, no período do Renascimento, representações desse gênero começaram a reaparecer (Lopes, 2016).

A pornografia começou a ser digitalizada quando chegou a fotografia impressa por volta do século XIX, foi o que deu muita força à sua comercialização. No final do século, com o advento do cinema, a pornografia se popularizou e se inseriu ainda mais no mercado. O movimento hippie nos anos 60, militando em prol da liberdade sexual, também foi um evento importante para uma disseminação da pornografia. A chegada do VHS, do DVD e dos programas de televisão permitiram uma produção em larga escala desses conteúdos, gerando um lucro equivalente às vendas anuais do comércio bélico nos Estados Unidos - cerca de 14 bilhões de dólares (Lopes, 2016).

A pornografia digital explodiu em visualizações diárias, em formatos de webcam, blogs, fotologs, vídeos amadores e sex tapes (Neto & Ceccarelli, 2015). Hoje em dia também temos o advento do *Only Fans*² e uma variedade imensa de subtópicos em sites. Assim, qualquer usuário pode ser produtor ou produzir pornô, resultando em uma variedade imensa de gêneros, estilos, gostos e fantasias.

A pornografia também é a transformação do sexo em mercadoria, ademais, é majoritariamente representada com baixo teor emocional e muita veemência. Conteúdos

² *Only Fans* é um espaço privado em redes sociais destinado à produção de conteúdos exclusivos, em que pode-se obter lucro por meio da venda de pacotes de fotos de cunho pornográfico (Adrianzen Rojas, 2021).

pornográficos também possuem caráter substitutivo e isso os torna altamente viciantes (Giddens, 1993). Em uma sociedade inserida em uma emaranhado angustiante e adoecedor, contextualizado pelo advento digital de fácil acesso a conteúdos intensamente prazerosos do ponto de vista sexual e de cunho viciante, não é difícil compreender o fenômeno da adicção em conteúdos pornográficos. Mas, além disso, há uma implicação do sujeito de tomar esse material como objeto produtor de compulsão, ou seja, de que maneira podemos pensar a compulsão à pornografia também como uma forma sintomática de se relacionar com a sexualidade?

Até aqui, é entendível que o consumo e produção de conteúdos eróticos existe desde os primórdios da humanidade, e por isso, podem ser considerados algo comum e natural, afinal, é também uma forma de explorar a sexualidade. O problema destacado no contexto deste projeto se refere à transformação do consumo em vício, isto é, algo que começa a interferir na vida pessoal, nos relacionamentos e relações sexuais de forma significativamente prejudicial e a partir de ações compulsivas (como a atividade masturbatória, por exemplo).

Apesar de a adicção em pornografia ainda não ser entendida como um transtorno propriamente dito, apresenta-se como um evento não incomum que afeta a vida de muitas pessoas e pode vir acompanhada de dependência física e sintomas de abstinência. Alguns sintomas que podem acompanhar esse vício são: perda de interesse pela parceria, compulsão por sexo, disfunção erétil, ansiedade social, ejaculação retardada ou precoce, etc. (Caló, 2019). Encontram-se diversos relatos de pessoas que se sentem prejudicadas com o uso de pornografia ao longo do tempo. Algumas acham que desenvolveram ansiedade social, diminuição da testosterona, dificuldades de se relacionar sexualmente ou chegar ao orgasmo (Wilson, 2017).

Apesar de não ser considerada um transtorno em si, podemos pensar a pornografia como atrelada ao Transtorno de comportamento sexual compulsivo que, segundo a OMS

(2022), opera como um transtorno de controle impulsional, caracterizado por comportamentos repetitivos, persistentes e incontroláveis de atividade sexual. Isso torna-se o centro da vida do indivíduo, em que ele deixa de investir significativamente em outras áreas, negligenciando interesses, obrigações e relações e, mesmo assim, falha em controlar esses impulsos.

1.2 Adicção, pulsão e compulsão à repetição

A adicção pode ser interpretada como compulsão e perda de controle perante um objeto, de forma a tirar a autonomia do sujeito que o consome, ou seja, seu poder de decisão. A fuga da realidade é algo presente e a frequência de uso do objeto não é passível de manejo. Ela pode ser vista como uma espécie de escravização - o sujeito está condenado ao seu uso; isso implica uma inversão da relação sujeito-objeto: é eliminado o uso do objeto perante o desejo do sujeito, e esse acaba tornando-se objeto de seu próprio objeto (Gurfinkel, 2011).

O fetichismo e a coisificação são conceitos próximos da ideia de adicção. O primeiro, semelhante à adicção, é algo imprescindível ao gozo, uma acentuada atração por um objeto, vestimenta ou parte específica do corpo. A adicção, porém, apresenta uma nova característica, há uma transformação do objeto de investimento libidinal em algo concreto, uma coisa, e esse fenômeno é chamado de coisificação (Gurfinkel, 2011).

No fetichismo, encontra-se um símbolo contra a ameaça de castração, de forma que, são escolhidos órgãos ou objetos (geralmente as últimas impressões antes do evento traumático) que simbolizam o falo inexistente da mãe (Freud, 1927). Assim, o fetiche vem cumprir um papel de substituir uma falta simbólica e se dá na vida sexual de forma que o prazer está impossibilitado na ausência do objeto.

Diferentemente da compulsão por pornografia, que estrutura-se como neurose (Gurfinkel, 2011), o fetichismo estrutura-se como perversão (Freud, 1905). Apesar da

semelhança entre os dois fenômenos, que se dá pela atração intensa por aquele objeto, eles diferenciam-se na medida em que na compulsão há o caráter do não adiamento da satisfação - o sujeito perde o controle diante do objeto. No fetichismo o objeto é imprescindível, mas, não necessariamente precisa ser consumido de imediato.

Cada objeto suscetível a gerar adicção carrega suas próprias peculiaridades. A toxicomania, por exemplo, possui um complicador que é a ação química cerebral. Já na adicção no mundo virtual (internet), há a construção de uma realidade alternativa (Gurfinkel, 2011). A pornografia causa estes dois efeitos³.

O ser humano é dotado de pulsões oriundas da dimensão interna de cada sujeito e que representam uma pressão constante, uma necessidade da pessoa que não pode ser satisfeita plenamente. As pulsões não são passíveis de serem satisfeitas por uma ação simples e superficial, demandando ações complexas e interdependentes para que seja saciada essa fonte interior, pelo menos por um período (Freud, 1915). Essa satisfação não deve ser confundida com prazer, pois à medida que um objeto não se instala no psíquico como uma experiência de verdadeira satisfação torna-se uma necessidade compulsiva do objeto de prazer (Levy, 2012). Ou seja, aquela relação com o objeto que não permite um adiamento da satisfação e contato com sentimento de desprazer está suscetível a virar objeto de compulsão.

As pulsões estão a serviço do princípio do prazer, o aumento de seu impacto é ocasionado pela sensação de desprazer e a diminuição pela sensação de prazer. Além disso, a meta de uma pulsão é sempre sua satisfação parcial (Freud, 1915). Uma característica do objeto pulsional, ou seja, aquele que serve como instrumento para se atingir a meta da pulsão

³ O vício em pornografia possui sua dimensão biológica e fisiológica, ela afeta o sistema de recompensa e tem o poder de afetar a plasticidade cerebral. Isso significa que ao assistir pornô, são disparados e conectados neurônios aos centros de prazer do cérebro, e quando feito em excesso, o prazer fica intimamente ligado a essas imagens, de forma a consolidar essas conexões (Wilson, 2017). Foram notadas semelhanças nas vias do sistema de recompensa cerebral de viciados em pornografia, cocaína e heroína, mostrando que o vício em pornografia tem o poder de estrago semelhante ao uso dessas drogas. Ainda, ao passo que os sites pornô sugerem novos temas e produções, os mapas cerebrais vão sendo moldados para atraírem-se a elas, sem consciência. Em detrimento dessa atração e excitação novas, ocorre um decaimento do que antes esse indivíduo se atraía. Uma consequência disso pode ser a diminuição da atratividade pela parceria, se houver - ou relações reais (Doidge, 2010).

- sua satisfação parcial, é que ele pode ser mudado com frequência. Entendendo que na atividade repetitiva de consumir pornografia como único objeto de tentativa de satisfação pulsional, ocorre o que Freud chamou de “fixação”, ou seja, quando ocorre uma conexão íntima e rígida com aquele objeto. Quando o consumo de pornografia é a única alternativa de prazer sexual, a relação de objeto é eliminada (Neto & Ceccarelli, 2015).

O objeto almejado pelo adicto não é, na sua origem e por sua própria natureza, um objeto de necessidade, mas o processo adictivo transformou o objeto do desejo em objeto de necessidade, gerando uma neonecessidade – ele se converteu no objeto exclusivo de um prazer necessário (Gurfinkel, 2011 p. 50).

Pensando no consumo de pornografia como uma ação prévia ao ato sexual, ou seja, aquela que tem pretensão de acumular tensão para que esta seja descarregada no ato em si, esta pode conduzir à uma fixação. Freud (1905) lembra que este prazer masturbatório prévio (proveniente da vida infantil) pode ser um lugar de fixação, que se mostra muito intenso e o investimento nessa ação pode ser tanta que acaba faltando ao prazer final. Essa fixação pode ser originária de uma estimulação carregada de uma zona erógena na infância, podendo assim gerar uma compulsão (Henderson, 2017).

A barreira do incesto, ou seja, a censura impeditiva de investir a libido nos objetos sexuais da infância (figuras parentais), também é um conceito importante no contexto da fixação e compulsão. Dessa forma, quanto mais semelhante o objeto sexual estiver da dimensão incestuosa, mais esta será despertada inconscientemente e gerará mais sintomas (Henderson, 2017). É de se analisar as escolhas de conteúdos pornográficos nesse sentido⁴.

Unzer (2020) complementa esse raciocínio ao lembrar que todo sintoma tem uma função sexual, que é a de substituir o desejo sexual que foi recalcado. A maneira de lidar com o recalçamento diante da realidade (no caso da pornografia) se dá por meio da explicitação do que é implícito na pessoa. Cenas de dominação, humilhação, relações hierárquicas (médico e enfermeira, professor e aluna etc...) são comuns e revelam traços de desejos recalcados.

⁴ Entre 2008 e 2018 houve uma crescente considerável de vídeos pornô do site *Pornhub* com o tema de parentes “postigos”, sendo mais de 218.000 vídeos com esses títulos nessa época, nesse site (Medium, 2020).

Freud (1920) traz que a compulsão deriva da pulsão de morte: ela é fruto da separação desta pulsão com as pulsões sexuais, ou seja, a pulsão de morte age sozinha. A insistência e o poder da impulsividade nas ações compulsivas e adictas qualificam essas ações como automáticas e com mínimas chances de serem interrompidas: o vício configura uma autopropagação apavorante. Essa característica contínua, *viciante* e praticamente imparável leva muitos analistas a concluir a inter-relação entre o vício e a pulsão de morte (Gurfinkel, 2011).

A pulsão de morte, segundo Freud (1920), está ligada a uma ideia contrária às pulsões sexuais: estas teriam a função de prolongar a vida, enquanto aquela a função de voltar ao estado inorgânico da matéria. Nesse sentido, a falha das pulsões sexuais em conter as pulsões de morte ou, em outras palavras, o efeito de desfusão entre estas pulsões poderia ter um efeito de incontrolável repetição ou de compulsão à repetição na tentativa do indivíduo de ter aquela sensação de prazer incessantemente. Pensa-se, então, a adicção a partir de uma conflitante experiência psíquica entre estas duas pulsões: representa a pulsão de morte, uma vez que possui esse caráter viciante e imparável e também tem a função de preservar o organismo de seu desprazer com o mundo (paradoxalmente, pois também age no sentido de destruí-lo).

O princípio do prazer é uma das dimensões do psiquismo que tem como finalidade evitar qualquer estímulo desprazeroso, ou seja, procurar constantemente por prazer. Ele opera segundo as pulsões sexuais. Por seu perigo representado em sua própria essência, o psiquismo se dispõe de outras partes também responsáveis por inibir o princípio do prazer, sendo uma delas o *princípio da realidade*, agindo por influência das pulsões do Eu. Assim, sem se esgotar na necessidade de satisfação, consegue adiar essa necessidade aproximando-se periodicamente do desprazer (Freud, 1920). Pensada em consonância com o princípio do prazer, a adicção representa um déficit no princípio da realidade, dificultando o sujeito de se aproximar do desprazer, algo que é necessário à existência. Todavia, seu caráter compulsivo

revela sucessivos alívios imediatos da realidade: é o prazer sem satisfação. Ademais, a adicção pode ser pensada como a exclusão do sujeito e transformação deste em objeto, representando um modo tentador de existir mas que prioriza algo além do princípio do prazer à realidade e, com isso, trará suas consequências.

Há algo de extrema relevância na inacessibilidade do objeto de desejo: um poderoso estímulo à imaginação e desenvolvimento de processos simbólicos e elaborativos. A sexualidade, então interligada com a pornografia na atualidade, pode representar perturbações nesses âmbitos e, além disso, modificar as dimensões de desejo e prazer. Os objetos transformam-se em núcleos de insatisfação (Levy, 2012).

O agir é um instrumento de descarrego dos conflitos psíquicos nos seres humanos (Birman, 2004; Gurfinkel, 2011). Nesse sentido, o sujeito impulsivo se utiliza dessa ferramenta de maneira persistente e isso dá ao vício o caráter de uma ação patológica. A adicção é, afinal, um tipo de enfraquecimento do pensamento; uma substituição do sistema de processamento psíquico das excitações pulsionais; um déficit na capacidade de simbolizar o objeto pulsional em algo representável, pensável ou moldável: “o agir impulsivo é o resultado de uma incapacidade de parar para pensar.” (Gurfinkel, 2011 p. 52).

A compulsão pode ser melhor interpretada como atos obsessivos, os mesmos encontrados na neurose obsessiva. A compulsão está relacionada a conflitos desejantes, mas censurados pelo sujeito - é a realização simbólica do desejo proibido e simultaneamente é o impedimento e são essas qualidades que determinam o processo de repetição cíclico: alternância entre a realização simbólica do desejo e sua extinção (Gurfinkel, 2011).

O sintoma gerado como repetição constitui um mecanismo de defesa do eu a serviço do princípio de prazer: o sujeito repete compulsivamente para evitar entrar em contato com o desprazer ocasionado pelo evento recalcado. Esse sintoma possui uma constituição paradoxal: ao mesmo tempo que representa um desprazer por se dar a partir de impulsos

recalçados, também representa uma satisfação momentânea (Freud, 1920). Há chance de a adicção ser a expressão mais pura desta compulsão, sendo este resultado de uma pulsão de morte que está descolada das pulsões eróticas (Gurfinkel, 2011). É importante ressaltar o caráter estrutural da repetição simbólica do evento recalçado, e o caráter sintomático quando isso se torna uma compulsão.

A compulsão se manifesta também através do afrouxamento do recalque e a repetição ganha caráter estrutural e insuperável (Freud, 1920). O retorno do recalçado, isto é, o sintoma, pode ser entendido como um substituto simbólico do objeto desejado e também representa o não adiamento de uma satisfação. Esse adiamento da satisfação é algo importante para a concretização de processos simbólicos e da imaginação criativa e o caráter de enfraquecimento dos laços sociais e o aprofundamento em realidades virtuais afeta esse adiamento e, conseqüentemente, a subjetividade humana. O psicosexual fica entregue à cultura do consumo por meio de imagens e vídeos veiculados pela grande mídia (Levy, 2012).

Diferentemente da compulsão, o hábito não elimina o estado do sujeito que toma decisões, apesar de influenciar a proximidade e consumo do objeto. Este faz falta quando ausente mas não é totalmente necessário, já o sujeito mantém sua condição desejante. Antes de patologizar uma ação, é importante manter em mente o caráter pessoal da repetição para aquela pessoa, ou seja, singularidades e traços de personalidade. Nas adicções propriamente ditas, a repetição ganha outra conotação acerca de uma dimensão protetiva do Eu: o descarregamento da tensão libidinal ausente de uma capacidade simbólica (Gurfinkel, 2011).

Um efeito da ação adictiva compulsiva é a criação de uma outra realidade, o que muitas vezes possui a função de anular experiências de difícil tomada de consciência. Isso está ligado a uma tentativa de afastamento de angústias depressivas (Gurfinkel, 2011), o que se atrela ao panorama de mal-estar contemporâneo já contextualizado na primeira seção.

1.3 Sexualidade, recalçamento e masculinidades

Freud (1905) lembra da existência da sexualidade em todo ser humano, expressada por um desejo semelhante à fome, denominado libido. Assim, há o objeto a quem será direcionado o investimento sexual e a forma de expressão desse investimento, denominada meta sexual. Segundo a Organização Mundial da Saúde (2015), a sexualidade é pilar fundamental na vida de qualquer ser humano, ela envolve o sexo, identidade de gênero, orientação sexual, erotismo e prazer. Pode ser manifestada por fantasias, desejos, idealizações, práticas, valores sendo influenciada por fatores biológicos, psicológicos, sociais, culturais, etc... É algo inerente à vida humana e não se restringe à genitalidade.

É importante considerar a intenção do material para considerá-lo pornográfico, sendo esta o desencadeamento de excitação sexual. Retomando a definição de pornografia, ela evidencia explicitamente a sexualidade humana, distanciando-se de questões emocionais e expondo cenas em uma proporção descritiva com a finalidade de causar excitação sexual (Abreu, 1996 como citado em Valente, s.d; Lagazzi et al, 2017).

A diversidade de conteúdos e a possibilidade de buscas específicas certamente também influencia o número de acessos. Mas uma qualidade da pornografia, em particular, chama atenção para sua relevância: a repressão social e moral.

Imagens pornográficas causam estímulos que muitas vezes geram nojo e repugnância, levando em conta o significado que estes carregam dentro de uma cultura e moral ocidental. A partir do momento em que há uma padronização e normalização dos comportamento sexuais em uma cultura, abre-se espaço para possibilidades alternativas. Essas alternativas são capazes de gerar estímulos que são imediatamente recalçados dando lugar à essa aversão, que é a resposta consciente gerada pelo recalçamento: mostram as fantasias mais recalçadas e a sexualidade da forma mais nítida (Neto & Ceccarelli, 2015).

Freud (1905) discorre sobre como toda sexualidade possui um lado perverso⁵, ou seja, toda sexualidade possui um desvio a respeito do alvo sexual em alguma medida, mesmo que isso não seja amplamente desenvolvido. Então, sendo possível que qualquer ser humano seja passível de ser atraído pela pornografia. O fato de existir nojo nas exposições de conteúdo pornográfico, também pode estar relacionado ao recalçamento. Assim, a procura por pornografia deve-se à dinâmica pulsional inconsciente da particularidade de determinada cena (Neto & Ceccarelli, 2015).

A procura por materiais pornográficos pode ser entendida com um movimento inconsciente de achar uma alternativa aos padrões sexuais estabelecidos pela sociedade, as moções sexuais socialmente reprimidas encontram de alguma forma uma solução para se expressarem (Neto & Ceccarelli, 2015). Afinal, todo sujeito necessita de uma descarga de seus impulsos libidinais e, muitas vezes, recursos pornográficos são os únicos possíveis, uma vez que há sujeitos ausentes de outras formas de erotismo e afeto em relações ou quaisquer atividades geradoras de satisfação.

Assim, o paradoxo entre a rechaça moral de conteúdos pornográficos por parte de uma sociedade que ainda carrega fortes vestígios de repressão à sexualidade e a revolução da infinidade destes conteúdos encontrados online atualmente podem corroborar o entendimento do possível recalçamento desse tema e, simultaneamente, o prazer encontrado quando se entra em contato com esses conteúdos de forma compulsiva e adictiva.

Isso porque a compulsão possui uma estrutura que se divide em duas de forma simultânea: a realização simbólica desse desejo proibido e a proibição deste. Estas qualidades mostram o caráter cíclico e, portanto, repetitivo. A contraposição dor-prazer, efeito de recalçamento já pontuado, ajuda a entender o fenômeno existencial da adicção: seria a

⁵ As perversões são maneiras de se satisfazer sexualmente que transgridem aquilo que Freud (1905) considera como “normal”, ou seja, a união das genitálias. Dessa forma, a insistência em relações intermediárias, como preliminares ou a insistência em outras partes do corpo é considerado como perversão.

maneira de resistir às forças que tentam extinguir a sexualidade - é necessária essa resistência para a existência do próprio sujeito (Gurfinkel, 2011).

Os desvios no tocante à meta sexual podem ser entendidos como metas intermediárias com o objeto sexual, como o olhar, por exemplo. O permanecimento nessa ação transitória convertendo-a como final é também entendido como perversão. Outras características possíveis desse desvio são a exclusividade e fixação nessa forma de se satisfazer, ou seja, a substituição (em vez de adicção) da meta sexual “normal” (Freud, 1905). As semelhanças encontradas entre o vício em pornografia e o que Freud chamou de desvios em relação a meta sexual são evidentes: a adicção em pornografia pode estar no campo da fixação, quando é a única forma de satisfação sexual.

Algumas questões sociais estão bem associadas à sexualidade masculina, como a hegemonia masculina no âmbito público, a separação social de mulheres em puras (casáveis, virgens) ou impuras (prostitutas ou mulheres que exercem livremente a sexualidade), a percepção de que mulheres são irracionais e a divisão sexual do trabalho (Giddens, 1993). Nesse contexto, é possível vincular a qualidade compulsiva e problemática da sexualidade masculina a partir de ações obsessivas que geralmente são acompanhadas de um distanciamento emocional e possível violência.

O corpo feminino é objetificado e visto como território de controle por parte de muitas instituições de poder e as mulheres que exercem livremente sua sexualidade muitas vezes são vistas como ameaças. Assim, quando a pauta de corpos femininos é trazida para o âmbito da pornografia é configurada a partir de uma ótica masculina tendo em vista que é majoritariamente feita por e para homens: a explicitação da sexualidade constitui variedades de submissão feminina. Ademais, com o advento da pornografia digital, esse tipo de pornô extremo é algo que vem crescendo cada vez mais, levando em consideração também o fator

da discrição: consumir conteúdos considerados pesados, no sentido de violência, humilhação e explicitação é algo feito em casa, de forma recatada e sigilosa (Lagazzi et. al., 2017).

O intenso disparo de materiais pornográficos, destinados na maioria das vezes para os homens, expressa materiais com baixo teor emocional e alto vigor sexual explícito. Na pornografia predominantemente heterossexual, as mulheres são sempre objeto de desejo, mas nunca de amor, elas também nunca ocupam o lugar de sujeito. A sexualidade feminina não tem voz e seu suposto “prazer” é mostrado por meio de gritos e gemidos exacerbados, com especial ênfase em suas expressões, e o homem permanece quieto e dirigindo os acontecimentos de forma dominadora (Giddens, 1993).

O excesso de pornografia dificulta relações sexuais com parceiros reais. A inacabável variedade de tipos de conteúdos, cada vez mais violentos, contribui para uma banalização desse material a ponto de diminuir a libido e dificultar a ereção, por exemplo. Alguns estudos mostram a relação entre o uso de pornografia em homens jovens e disfunção erétil, anorgasmia, baixa libido sexual, ejaculação precoce ou retardada (Zimbardo et al., 2016). Sem contar a necessidade de buscar cada vez mais estímulos para se chegar ao prazer.

O ser humano é naturalmente simbólico, sendo o psiquismo produto dos processos de simbolização de pulsões, desejos e emoções. O contexto cultural que engloba o fenômeno da pornografia, como é entendido hoje, tem grande poder de alienar o sujeito a respeito de seu próprio desejo, prejudicando seus vínculos e comportamentos. Há, então, efeitos nocivos que incidem nos processos simbólicos do sujeito e, por consequência, na sua subjetividade e esses danos oferecem terreno à atuação compulsiva (Levy, 2010).

Nápoli (2021) traz uma visão diferente acerca de como se dá a compulsão em pornografia. Segundo ele, o problema em consumir pornografia vai além de uma visão estereotipada do sexo em termos de posições, corpos e performances. Isso não seria significativamente impactante, levando em conta as preferências dos espectadores: uma

pesquisa realizada mostrou que 70% dos homens preferem pornô amador e 12% produções hollywoodianas (Uol, 2019). Isso demonstra que os espectadores não procuram exatamente por corpos exuberantes e performances irreais, mas sim uma maneira diferente de obter prazer sexual.

Dessa forma, a compulsão estaria relacionada à falta de restrição e limite de conteúdos pornográficos encontrados, somada a falta de satisfação encontrada na vida real. Estes indivíduos são intolerantes à falta de novidades em suas relações reais (Nápoli, 2021). Essa questão é praticamente inserida no contexto imediatista contemporâneo, em que o adiamento da satisfação se torna insustentável, e a pessoa sente-se em necessidade de estar diante de um objeto com variabilidade infinita - aquele que atende demandas urgentes de satisfação, a qualquer momento e a partir de uma gama infindável de possibilidades. Quase como um objeto que transmite amparo e que retira o sujeito de um quadro de angústia, ainda que momentaneamente.

Capítulo 2: Método

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, que fundamenta-se na diversidade de abordagens e métodos e na reflexão sobre o saber produzido pelo próprio pesquisador. A pesquisa qualitativa funciona a partir da inclusão de fenômenos complexos na possibilidade de investigação, os quais nem sempre são passíveis de serem colocados em uma correlação de causa e efeito sendo, então, estudados em sua integridade e contextualizados. Além disso, a área de estudo vai além de espaços controlados e expande-se para práticas e vivências da vida cotidiana. A pesquisa qualitativa sugere que o fator que determina a utilização do método é o objeto de pesquisa, e não o método que define o objeto (Flick, 2009).

O método adequado e escolhido para este projeto é a *Análise do Discurso*, uma abordagem metodológica que estabelece relações entre linguística, marxismo e psicanálise para descrever como a linguagem é materializada (Orlandi, 2005, Ferreira, 2005 & Gregolin, 1995). A Análise do Discurso foi criada por Michel Pêcheux em 1969, objetivando explicar os processos de significação por meio dos procedimentos de determinação histórica (Orlandi, 2005).

Os fundamentos que compõem essa metodologia baseiam-se nos preceitos de que a historicidade deve ser considerada na concretização da linguagem. Isso quer dizer que o sentido do discurso relaciona o simbólico e o político, de forma a permitir uma leitura do discurso a partir de uma materialização do político e da formulação de hierarquias de poder em formato textual (Orlandi, 2005). Assim, o objeto linguístico está limitado ao tempo e ao espaço da prática humana, constituindo-se para além de uma intencionalidade do sujeito que discute e configurando-se como efeito de mais de um locutor (Orlandi, 2005 & Gregolin, 1995).

A linguagem é ambígua e a discursividade produz efeitos a partir da relação entre ideologia e inconsciente. O sentido não se resume à literalidade da palavra por si só, mas abarca a transferência de sentido de uma palavra para outra. Nesse sentido, as produções do dizer, que estão ligadas aos efeitos materiais da língua na história, e do imaginário dos indivíduos acerca da linguagem traduzem a materialização de algo simbólico (Orlandi, 2005). Ademais, o discurso representa a junção de várias figuras e temas que circulam na sociedade, sendo fonte de produção de sentido que se concretiza em forma de linguagem (Gregolin, 1995).

Além disso, o discurso toma forma quando assumido pelo sujeito da enunciação e a partir de suas decisões narrativas: tempo, espaço, pessoas, figuras, enfim, sua perspectiva. A partir dele, ponderamos as relações entre o texto e o contexto histórico do enunciador (Gregolin, 1995).

O sujeito, para a Análise do Discurso, é constituído pela linguagem e pela ideologia. Nestas condições, o conceito de ideologia possui raízes no materialismo histórico⁶ e é inseparável do sujeito em uma composição mútua. Assim, ideologia pode ser entendida como um apanhado de representações hegemônicas em determinada classe de uma determinada sociedade - o ponto de vista, a perspectiva (Gregolin, 1995).

Neste raciocínio, o sujeito é implicado por três dimensões: a linguagem, a ideologia, e o inconsciente e seu discurso pode ser analisado através de furos existentes nesses aspectos, sendo eles o equívoco, a contradição e os lapsos, respectivamente. Logo, são nesses furos/ausências que abre-se espaço para a inserção do desejo, ou seja, o espaço para surgir o sentido (Ferreira, 2005). Estes furos na enunciação são portais para investigar valores e

⁶ Materialismo histórico remete a teoria de Marx e Engels que entende a hierarquização de classes sociais como ditadora de uma produção com desfrute desigual entre as classes. Além disso, interpreta a historicidade como condição para uma dada formação social, sendo suporte para que as ciências sociais consigam investigar, e para que a AD contextualize a materialização do discurso.

intencionalidades até então desconhecidos da argumentação do locutor. Analisar o discurso é, em outras palavras, diagnosticar as condições de produção daquele texto (Gregolin, 1995).

A visão de sujeito, abordado simultaneamente pela ótica da psicanálise e da Análise do Discurso, descreve um sujeito implicado tanto pelo seu inconsciente quanto por seu contexto histórico e social (Ferreira, 2005).

O ponto de encontro entre inconsciente, ideologia e linguagem é paradoxal e revela uma conexão diferenciada: o sujeito, constituído pela linguagem, é marcado por esta. Ele, afetado pela ideologia, é assujeitado. Por fim, por ser implicado pelo seu inconsciente, é desejanste. Nessa tríplice trama que molda o sujeito do discurso, é percebida a demarcação de uma estrutura caracterizada pela existência de uma falta: é por meio desta que decorre a necessidade de busca por inteireza - o desejo (Ferreira, 2005).

A pesquisa em psicanálise pode ser entendida como o clareamento de nuances a partir da ótica de diferentes perspectivas acerca do objeto de investigação. Por basear-se no inconsciente, a pesquisa psicanalítica rejeita a busca de uma verdade absoluta e propõe a análise de verdades contextualizadas, relativas e individuais (Silva, 2013).

Utilizando-se da entrevista como ferramenta metodológica, o pesquisador deve ter a compreensão que, ao ocupar o papel de investigador, tem a potência de produzir sentimentos e afetos no entrevistado, sendo assim, uma ferramenta geradora de subjetividade. Nessa perspectiva, deve atentar-se às palavras utilizadas e contextualizá-las de forma adequada (Silva, 2013).

A construção do caso deve ser determinada pelo recolhimento de importantes dados de cada caso em um trabalho conjunto. É o manejo de elementos do discurso do sujeito que revelam estes “furos”, citados anteriormente (deve-se levar em conta também ações que refletem esta mesma lógica). Seria, então, o caso de se analisar a posição subjetiva do sujeito a partir de subsídios encontrados no seu discurso, e não do sujeito em si.

Então, a partir da experiência clínica, tem-se orientação para o destaque destes importantes componentes discursivos que guiarão a construção do caso (Figueiredo, 2004). Ademais, a construção do caso embasa-se no mundo interno do pesquisador: as observações e escutas realizadas são filtradas por sua subjetividade e experiências, em que acontece uma transfiguração das narrativas para que haja uma inteligibilidade do material (Silva, 2013).

Um dos eixos de construção de caso trazido por Figueiredo (2004), são os *conceitos/distinções*, que implica a relevância do estabelecimento de diferenças nos conceitos psicanalíticos fundamentais para o desenrolar da pesquisa. Estas delimitações são importantes para pontuar os enunciados trazidos pelo sujeito pesquisado e ajudando assim, a diferenciar trechos discursivos advindos do Eu ou do Inconsciente, por exemplo (Figueiredo, 2004).

Outro ponto importante no fazer em pesquisa em psicanálise é a atenção direcionada às determinações históricas e sociais do fenômeno em questão. Por se originar na clínica e enfatizar a realidade psíquica, a psicanálise sofre diversas críticas quando em campo extra clínico, porém, diversos autores demonstram essa possibilidade como algo coerente e carregado de sentido, principalmente em termos de contexto social. Além disso, a pesquisa em psicanálise possui grande potencial também na dimensão clínica, em termos de efeitos terapêuticos (Rosa & Domingues, 2010, Figueiredo & Minerbo, 2006).

A psicanálise assemelha-se à sociologia quanto ao seu objeto de estudo: as duas abarcam fenômenos sociais do ponto de vista evolutivo e da criação de laços sociais. A psicanálise detém-se em estudar a dimensão inconsciente da sociedade, investigando fenômenos coletivos, imaginário social, condução de pulsões, processos de repressão e de identificação. Já a sociologia debruça-se acerca de entendimentos objetivos das interações sociais, investigando os mesmos fenômenos a partir de uma outra ótica. Ademais, Freud demonstra por meio de suas obras sociológicas que a psicanálise vai além de uma mera transposição desta da área clínica para outras áreas, que na verdade é desenvolvida e

construída como um sistema próprio quando em contexto extra clínica (Rosa & Domingues, 2010).

Ao falar de sofrimento e sintoma, Freud não os separa de aspectos familiares, pessoais e sociopolítico-libidinais, esclarecendo que o ponto de encontro com o outro também acarreta em expressões de sofrimento, ou seja, as relações humanas também são constituintes de sintomas psíquicos. Assim, o meio de acesso ao outro é a palavra, e é por meio de dois inconscientes permeados pela transferência que é possível a criação de novos saberes (Rosa & Domingues, 2010). A escuta é produtora de conhecimento.

O indivíduo não está desassociado da sociedade e seu desejo é sempre construído diante da relação com o outro, dependente assim, de laços sociais. Ademais, as pulsões humanas divididas entre aquelas que pretendem conservar (eróticas) e as que pretendem destruir (morte) coexistem no ser humano moderno de forma que é impossível fazer desaparecer o conflito, a violência e o mal-estar. É uma ilusão separar o ser humano de seu âmbito conflituoso, assim como é impossível separar o ser humano (e seu âmbito conflituoso) da sociedade e de suas relações (Rosa & Domingues, 2010).

A observação na pesquisa psicanalítica atrelada à teoria que a sustenta, enfocam a dinâmica psíquica que existe implicitamente no evento observado. Em outras palavras, observa-se, na verdade, as manifestações dessa dinâmica, que só são possíveis se posteriores à absorção da teoria, que direciona o olhar atento do pesquisador e leva em consideração a importância do recalco quando fala-se em interpretação do discurso (Rosa e Domingues, 2010).

Além disso, a fim de esclarecer fenômenos sociais, culturais e subjetivos a partir da interface destes com o inconsciente e utilizando-se de conceitos psicanalíticos como instrumentos de investigação, o objeto e o pesquisador transformam-se concomitante neste processo de forma que, ao final dele, nenhum dos dois permanece da maneira em que iniciou.

Assim, é importante um sujeito pesquisador analista ativo nesse processo e preocupado com as evidências de refutação ou corroboração de suas hipóteses (Figueiredo & Minerbo, 2006).

O observador faz parte da pesquisa uma vez que é impossível ter entendimento do fenômeno sem levar em consideração a relação que possibilitou e contextualizou aquele discurso. Esse campo mútuo entre pesquisador e participante configura a transferência, que aparece na entrevista de forma a necessariamente ser manejada e instrumentalizada pelo pesquisador. "O desejo do pesquisador faz parte da investigação e o objeto da pesquisa não é dado a priori, mas sim produzido na e pela investigação" (Rosa & Domingues, p. 182).

Figueiredo e Minerbo (2006) expandem o conceito de transferência em contexto de entrevista em pesquisa com o método psicanalítico, descrevendo esse evento como uma espécie de fusão entre aquilo expresso pelo objeto de pesquisa e os pressupostos que o pesquisador se apropria. Da mesma forma, a contratransferência também aparece em termos de uma escuta flutuante⁷: o pesquisador reconstrói o texto, analisando-o e dotando-o de novos sentidos produzidos a partir de pontuações feitas na fala do participante.

2.1 Procedimento de coleta do material

Primeiramente o trabalho foi submetido à aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do CEUB.

Os instrumentos utilizados para o desenvolvimento da pesquisa foram: um formulário google (Apêndice A), em que constaram 9 questões com a finalidade de coletar informações sobre o participante da pesquisa; entender se ele realmente se encaixava nos critérios de participante da pesquisa; se estava apto para realizar a entrevista, entendendo a frequência de consumo de pornografia do participante e como este se sentia perante a ela. O formulário era completamente anônimo, possuindo um espaço para que o participante deixasse um meio de

⁷ Uma escuta flutuante é aquela que tem a cautela de não se apegar a nenhum elemento do texto (fala) e objetiva pontuar expressões, furos e palavras colocadas de forma significativa a depender do contexto.

contato para seguir para a segunda etapa de pesquisa, que consistiu no segundo instrumento: a entrevista semi-estruturada (Apêndice B), que teve o fim de delimitar o assunto e seu direcionamento, porém sem limitar o sujeito a ponto de interferir em sua associação livre, deixando o assunto ser guiado também de acordo com suas associações. A entrevista teve 17 perguntas.

Foram recrutados 4 participantes com idade entre 18 e 45 anos que faziam uso constante e frequente de conteúdos pornográficos e/ou se consideravam consumidores assíduos.

O formulário já possuía o TCLE (Anexo A), para que o participante lesse e selecionasse a opção em que concorda com todos os termos, e, depois, foi marcada a data da entrevista de cada um. Estas foram realizadas via *Google Meet*, pois, além de permitir a análise do discurso e observação das manifestações inconscientes, permitiria abranger um público que não se restringisse ao DF.

2.2 Procedimento de análise de dados

O material obtido nas entrevistas será analisado a partir dos seguintes procedimentos:

- (i) identificar as posições subjetivas dos participantes no discurso, de forma a apreender aquilo que é trazido pelos mesmos em suas falas e posicionamentos, considerando, também, o que eles entendem por vício/adicção em pornografia e como interpretam o fenômeno em suas respectivas realidades;
- (ii) localizar as repetições temáticas, a fim de verificar o que é dado com mais intensidade e frequência, as paráfrases, metáforas e metonímias, nos atentando para o que é apresentado não apenas de forma direta, mas, sobretudo, por meio de figurações simbólicas;
- (iii) evidenciar os mecanismos ideológicos e culturais presentes nos discursos, partindo do entendimento que estes valores ideológicos permeiam tanto a entrevistadora

como a entrevistada; (iv) levantar hipóteses sobre os não-ditos presentes nas falas dos entrevistados; (v) analisar as cadeias associativas em torno das quais se estruturam as falas dos participantes, destacando as conexões feitas pelos mesmos, bem como àqueles que poderão ser percebidas pela entrevistadora.

Capítulo 3: Resultados e Discussão

Foram entrevistados uma mulher e três homens, respectivamente. A. de 23 anos, M. de 25 anos, B. de 30 anos e J. de 25 anos. As entrevistas tiveram uma média de 26 minutos aproximadamente, tendo a mais longa 45 minutos e a mais curta 15 minutos. A., M. e J. iniciaram seu consumo de pornografia respectivamente com 8, 10 e 17 anos, principalmente por influência de amigos mais velhos. M. iniciou seu consumo com 13 anos, que apesar de existir uma influência também de amigos mais velhos, foi permeado principalmente por uma curiosidade ao começar a se perceber homossexual, buscando representações nesse sentido.

O capítulo destinado às discussões acerca dos resultados da pesquisa dividiu-se em três eixos temáticos: (3.1) *Sociedade do desprazer*, que revela a forma com que a atualidade pode influenciar o vício em pornografia; (3.2) *Relação com o sexo*, que discorre como o contato precoce com a pornografia e mais vivências podem ter impacto sobre a construção da percepção do que é sexo para os participantes e o que ele representa (3.3) *Autoimagem e desempenho sexual*, que demonstra algumas consequências e implicações percebidas pelos participantes depois de um significativo consumo de pornografia.

3.1 Sociedade do desprazer

Eu fiquei obcecado com o celular, estou atualmente viciado no meu celular. Não, não passo tipo dois minutos sem ligar o celular e, e rever o Twitter, rever o Instagram. - B., 30 anos.

A pornografia foi definida pelos participantes como algo associado a vídeos editoriais, conteúdos criados e produzidos que contenham fotos e vídeos explícitos do ato sexual, e que incitem o desejo sexual propositalmente. É associada ainda por alguns a “*sexo pesado*”: explícito, com uma performance exacerbada e relações de poder bem estabelecidas, contendo um papel de dominador e outro de submisso. Intrigante notar que entre os participantes,

alguns atrelam a pornografia à falta de sentimento e afetividade, enquanto outros buscam exatamente isso nela.

Todas as definições trazidas pelos participantes vão ao encontro do entendimento de Abreu (1996, como citado em Valente, s.d; Lagazzi et al., 2017), que a descreve como uma exposição evidente que não deixa espaços para outras interpretações. Apesar de ser uma prática fantasiosa, ainda sim é diferente do erotismo, pois entrega a imagem cortando idealizações e imaginações singulares daquele sujeito. Além disso, com a proposital ausência de conteúdos de cunho minimamente afetivo, exaltando uma exposição (Lagazzi, Sedlmaier & Rodrigues, 2017). Assim, a pornografia cumpre uma função contrária à elaboração simbólica pensante e imaginativa singular do sujeito, escancarando certas representações e interrompendo a potencialidade de um desenvolvimento singular e subjetivo destas.

Uma interessante semelhança encontrada na fala da maioria dos participantes é que o primeiro contato com a pornografia foi por meio de influência de crianças ou adolescentes mais velhos: amigos, vizinhos ou primos tiveram o papel de apresentar este mundo para eles, ainda muito jovens. Com idades de 8, 10, 13 e 17 anos, os participantes se inseriram precocemente em um mundo adulto, e todos relataram consequências disso. Ademais, interessante fato que aparece em várias entrevistas, é que os mesmos que foram apresentados a esses conteúdos por amigos mais velhos revelam ter prazer em receber nudes de amigos.

A curiosidade também foi um fator comentado. M., por exemplo, comenta que podia sentir sua sexualidade se desenvolvendo aos 13 anos, quando começou a assistir pornografia gay e sentia muita culpa na época, já que seus primos mais velhos diziam que ele teria que gostar de ver “mulher pelada”. Foi perguntado se essa culpa ainda o permeia nos dias atuais, e suas palavras foram tomadas de censuras e rupturas na hora de responder *Eu acredito... Não mais.... Até porque eu não ainda, não tinha me aceitado. Como homem gay. Eu via como... Errado*, denotando que, apesar de explicitar ter se aceito homem gay, talvez alguma

culpa ainda habite seu aparelho psíquico, assim como Freud (1905) menciona a possível revolta que um sujeito pode sentir diante de seu desejo por um objeto igual (a própria homossexualidade).

Algo enfatizado por mais de um participante da pesquisa como um fator que contribuiu para o consumo se tornar excessivo, e que trouxe uma maior vulnerabilidade capaz de deixá-los mais suscetíveis a se viciar nesse conteúdo, foi a pandemia de COVID-19. Por passar muito tempo dentro de casa, sem contato com outras pessoas, o consumo virou algo diário e, mais que isso, necessário, nas palavras dos entrevistados.

Neste caso, fica clara a influência da estressante atualidade que assola o homem moderno sobre a maneira de se autorregular e de se subjetivar (Kristeva, 1993). A pandemia de Covid-19 foi um evento que agravou a pouca capacidade de lidar com o adiamento da satisfação. Ansiosos, presos em casa, pressionados pela incerteza e pelo medo do que poderia acontecer com familiares, amigos ou a si próprio, a pandemia privou as pessoas de suas vidas cotidianas e, por consequência, de seus prazeres diários. Sentimentos de inadequação, aumento de estresse, frustração e aborrecimento são característicos dessa época e houve piora em pessoas que já tinham sintomas ou tendências de depressão e ansiedade, por exemplo (Barros et. al, 2020). Essa perda de contato com satisfações antes cotidianas pode ter ocasionado um acúmulo de libido que precisou ser direcionada a algum lugar. No caso de A., foi percebido isso claramente quando ela expõe que a *nitidez de lembranças sexuais foram se perdendo, dando lugar à necessidade de uma imagem mais factual*, quando recorre aos vídeos pornográficos e se vê diante da necessidade de consumi-los diariamente.

Ainda dentro deste raciocínio, Birman (2004) traz contribuições pertinentes ao delimitar a ação como método de liberação do excesso, e por assim dizer, da angústia. A contemporaneidade mostra-se se um período em que isso se aplica de maneira compulsiva, devido ao mal-estar que transpassa os sujeitos. A conclusão disso é uma sociedade que repete

o não-alcance daquela satisfação, prendendo-se a um prazer impulsivo, no caso, a pornografia.

Então, o fato de não poderem ter relações sexuais durante a pandemia foi trazido como um fator estressor, problematizando o consumo. Todo o contexto pandêmico, desde as medidas preventivas, ao medo de pegar a doença e todas as incontáveis variáveis neste contexto, acarretaram em fatores estressores, principalmente a solidão devido ao isolamento social, o medo de contrair a doença e as incertezas para o futuro (Barros et. al, 2020), de certa forma, a pandemia escancarou o imediatismo moderno que promove a instabilidade emocional, até por conta dos dispositivos móveis que antes, apresentados como mais uma forma de interconexão entre as pessoas, tornaram-se para muitos, o único meio de se conectar. Assim, se o estabelecimento de relações humanas já vinha sendo impactado (Bauman, 2000), agora, os objetos transitórios realçam ainda mais a intolerância à frustração. Isso porque, a angústia e a ansiedade da vida cotidiana contemporânea se agravaram, e a busca pelo prazer instantâneo e não duradouro se tornou o cerne da vida de muitas pessoas, consequentemente ampliando a propensão do sujeito se a debruçar sobre compulsões, vícios e excessos (Brecha, Lopez & Postigo, 2012). O prazer torna-se uma anestesia da realidade (Freud, 1930) e isso também pode ser ilustrado quando alguns participantes narram assistir vídeos pornográficos para *dormir melhor*, na fala destes - está sempre em uma ordem de descarrego.

Outro ponto mencionado por mais de um participante como fator agravante de seu consumo, foi a ampla acessibilidade. Para eles, aplicativos como *Twitter* e *Instagram*, muitas vezes podem ser mais impactantes do que os sites mais conhecidos, como o *Pornhub* e o *Xvideos*. Pacotes de fotos vendidos por pessoas comuns são vistos como uma pornografia mais “humanizada” e “naturalizada”, sendo algo atrativo para vários dos sujeitos. Este relato está de acordo com o que Neto e Ceccarelli (2015) informam sobre a revolução da

pornografia digital: com o advento desta, houve uma viralização em alta escala de visualizações destes conteúdos em suas mais diversas formas. Com o advento de pacotes vendidos por pessoas que abrem conta em *Only Fans*, por exemplo, qualquer um pode ser produtor de pornô.

3.2 Relação com o sexo

[...] *Até a própria relação sexual eu fui deixando de lado, e também meu próprio desempenho sexual [...] Vejo uma coisa no Twitter, e acho que vou conseguir colocar em prática [...] aí eu vejo que não consigo.* - M., 25 anos.

A., de 23 anos, começou a assistir pornô com 8 anos, e sua vivência nessa época pode ter influenciado certos processos subjetivos que repercutem em seu modo de enxergar o sexo nos dias atuais. Ela relata que uma amiga mais velha na época, além de apresentá-la à pornografia, também a obrigava à assistir estes conteúdos junto com ela, que eram em formato de jogos sexuais, colocando isso como condição de amizade. Essa situação perdurou até os 11 anos de A. Além disso, A. também já flagrou seus pais fazendo sexo quando criança, e relata que essas experiências a fizeram enxergar o sexo como *apenas mais uma maneira de se interagir*, denotando uma falta de intimidade no ato. Além disso, já fez sexo com todos os seus amigos, verbaliza ser só *mais uma atividade a se cumprir*, e ainda acha *estranho* não fazer sexo com amigos.

Percebe-se aqui que a vivência na infância de assistir a criança mais velha brincar com jogos sexuais, e o fato de que isso era condição de amizade, pode ter influenciado o processo simbólico do que significa amizade para A., que denota um sentido de causa e efeito: (amizade → fazer sexo). Inclusive, conta que tem preferências por pornografia de

pessoas conhecidas, como nudes e vídeos de pessoas com quem convive, mais uma vez apresentando uma contradição por preferir pornografia de pessoas que possui intimidade e conexão afetiva (por mais que de uma forma não amorosa). Essa contradição se apresenta outra vez, quando relata ser *estranho* ouvir os pais transando, pois *os conhece*, trecho analisado mais à frente. Essa dualidade de, em um momento, estranhar e se inquietar com o fato de conhecer e ser próximo e íntimo daquilo que é da ordem sexual e em outro momento se aproximar disso, como fazer sexo majoritariamente com amigos, conecta-se com aquilo que Freud (1919) vai chamar de estranho familiar. Assim, aquilo que incomoda, traz estranheza ou inquietude de uma maneira significativa, revela algo que na verdade é familiar mas está recalcado, ou seja, aquilo que é estranho revela-se ocultamente íntimo, submetido à repressão e retornando como inquietude diante do que lhe aparece. Isso parece estar de acordo com a vivência de A. em relação aos seus pais, amigos e na pornografia também: é algo que contraditoriamente a atrai, mas a afasta quando fala conscientemente disso.

Um fator que atravessa todas as entrevistas é o cunho anti-imaginativo da pornografia, ou seja, a perturbação causada pela pornografia no processo elaborativo simbólico e imaginativo do sujeito, importante para a delimitação desejante (Levy, 2012), e isso aparece de diferentes formas entre os entrevistados: B. diz: *Corta o caminho da imaginação direto para realidade do vídeo que está na minha frente. [...] Eu não preciso pensar nisso porque eu já estou com isso na minha mão. Pra mim, uma parte de mim já está satisfeita.* A. narra no mesmo sentido: dificuldade de lidar com a própria idealização erótica na hora da masturbação, sucumbindo às representações explícitas da pornografia digital: *pra eu chegar no meu ápice, percebia que a minha nitidez de memórias e criatividade ia se perdendo, e eu cansei, percebi que teria que usar dos vídeos.* Isso representa a estrutura alienante da pornografia, distanciando o sujeito de seu próprio desejo, prejudicando seus comportamentos e subjetivações (Levy, 2012).

A subjetivação sexual de A. carrega hipóteses de que tenha sofrido impactos no sentido de sempre performar demais: posições, gemidos, expressões e o próprio prazer. A. comenta algumas vezes que se considerava uma “*mulher anorgásmica*” - apesar de ter perdido a virgindade com 14 anos, só teve o primeiro orgasmo com 18 anos. Ela relata achar que sexo não era sobre orgasmo (feminino), achava que isso não passava de uma jogada de câmera, até mesmo no jogo pornográfico que jogava com as amigas na infância, terminava quando o personagem masculino ejaculava. Se faz claro um atravessamento de gênero nessa fala de A., que pode ser ilustrado a partir de uma pesquisa realizada no Brasil, que demonstrou que 74% de mulheres possuem orgasmos quando se masturbam e, em contrapartida, 36% relatam ter orgasmos quando têm relações com homens. Complementar a isso, 16% relatam sentir prazer com penetração, enquanto 60% sente prazer com estímulos externos (Cortêz, 2019). Com essas informações, surge um questionamento retórico em relação à capacidade de as mulheres chegarem ao ápice do prazer durante a relação sexual: serão elas incapazes de chegar lá ou o que se chama de sexo, representado principalmente em conteúdos pornográficos, contempla apenas o prazer masculino de uma maneira falocêntrica?

A fantasia de se enxergar em um papel de dominador ou dominado está presente em vários relatos dos entrevistados. Essa hierarquia de papéis é atrativa por não existirem tabus no pornô: aquilo que é preconceituoso, sujo ou rejeitado pela sociedade é permitido na pornografia. M. diz: *Esse lugar imaginário, sabe? Tentar me projetar naquilo que eu estou assistindo. Fantasiado talvez.* B. apresenta preferências semelhantes: *Gosto de pornografia onde tenho claramente uma pessoa dominadora e outra submissa.* Essa fala de B. revela um ato falho na palavra *tenho*, podendo demonstrar ali sua posição subjetiva frente à fantasia, algo falado por ele a seguir.

Para B., este tema aparece associado ao seu consumo descontrolado, tendo em vista que faz alguns meses que, em suas palavras, não *transa direito*. Confessa que faz tempo que

seu namorado não é ativo sexualmente com ele, e, apesar de ter outras relações sexuais decorrentes do relacionamento aberto, tem sentido muita falta deste prazer com o namorado. Interessante pontuar que, em seu relato, ele conta que recentemente tomou consciência disso, até então não tinha percebido o quanto de tempo estava sem se satisfazer sexualmente. Ele conta que isso afetou diretamente seu consumo de pornografia, acentuando-o: *Aumentou muito mais depois de já ser grande [o consumo] porque eu percebi essa falta de satisfação minha.*

Para Gurfinkel (2011), o consumo descontrolado é quando a autonomia do sujeito sobre aquele objeto é prejudicada. A pessoa deseja fugir da realidade de forma que, acaba tornando-se objeto de seu próprio objeto, invertendo a relação. Ao contar que não consegue ficar mais de alguns minutos sem checar as redes sociais, e mais especificamente, conteúdos pornográficos nestas, conclui-se que ali está representado um ato compulsivo, vicioso. Nesse sentido, B. apresenta um relato interessante de ser analisado.

Segundo B., seu consumo se torna problemático também quando ele está passando por alguma frustração emocional em sua vida. Diz que usa a pornografia para se distanciar da realidade decepcionante e nessa hora usa de exemplo a relação com o namorado, dizendo que quando se encontra sexualmente insatisfeito com ele, acaba recorrendo mais aos vídeos. Várias vezes durante a entrevista fica nítido como a dimensão dos afetos angustiantes de B. está diretamente relacionada ao seu uso de pornô. Ele vincula sexo à conexão e intimidade, demonstrando uma certa carência afetiva que o leva a consumir estes conteúdos. Um exemplo significativo que B. dá é quando estava extremamente deprimido e resolveu comprar um pacote de fotos do *Only Fans* de um irlandês. Conta que, além da esperança de encontrar conteúdo pornográfico ali, intencionava desenvolver algum tipo de conexão com ele, pois mandou mensagens para ele com este intuito: *Acho que foi um ato meu de tipo, de querendo muito carinho, também querendo muita pornografia ao mesmo tempo.* Gurfinkel (2011) diz

que a função de uma ação compulsiva tem o poder de criar outra realidade, como tentativa de distanciamento de angústias de tendências depressivas.

A dimensão pulsional do sujeito não pode ser satisfeita plenamente, apesar de estar em um constante esforço para evitar a realidade desprazerosa (Freud, 1915). Ao passo que o objeto desejado não satisfaz verdadeiramente, mesmo que temporariamente, ele se instala como uma necessidade compulsiva (Levy, 2012). Ou seja, no caso apresentado, o desejo pelo objeto da pornografia vem como uma tentativa de sanar um outro desejo oriundo do sujeito, o de afeto. Como o objeto da pornografia não consegue cumprir este papel, tem-se a compulsão. B. verbaliza que a busca por pornografia vem de uma tentativa de preencher um vazio, associando isso diretamente em sua fala ao motivo de o pornô ser algo tão viciante.

Adentrando mais uma vez a dimensão de realizações fantasiosas, muitas vezes estas revelam a simbolização de um desejo proibido pela consciência. Assim como dito por A., não existem tabus no mundo da pornografia, tudo é justificado pela ausência de realidade. Essa concretização de desejo intolerável pela consciência tem característica cíclica e repetitiva, estruturando uma compulsão (Gurfinkel, 2011).

O fato de fantasias serem permitidas no pornô é na verdade uma característica extremamente presente nestes conteúdos e que revela aspectos inconscientes do sujeito. Neto e Ceccarelli (2015) descrevem como situações que podem gerar nojo e repugnância devido a significantes culturais de certas práticas revelam fantasias sexuais recalcadas. Toda sexualidade possui um lado perverso (Freud, 1905). A procura por conteúdos nesse sentido pode ser interpretada como uma tentativa de achar possibilidades diferentes daquelas contempladas pela sociedade. Nesse contexto, A. comenta sobre como as nomenclaturas usadas nas descrições e títulos do pornô são aversivos para ela e fazem com que ela queira parar de assistir. Ela usa o exemplo *Stepsister fucking with her dad*⁸ e comenta como essa

⁸ Tradução: irmã postiça transando com o pai.

dimensão pedofílica a afasta. Logo em seguida, ela revela que assistia esses conteúdos quando mais nova. Uma outra situação de fala durante a entrevista pode complementar essa suposta fantasia incestuosa de A: ela conta que já chegou a pedir para a mãe avisá-la quando esta for transar com pai, para que A. se retire de casa, pois ela não quer ouvir, também comenta que seu gemido é igual o de sua mãe, o que a incomoda; ela diz: *eu não quero você fuder o meu pai e ficar parecendo eu*. Unzer (2020) constata como todo sintoma tem uma dimensão sexual que possui uma função de substituir o desejo recalcado, explicitando desejos ocultos. Henderson (2017) complementa esse entendimento dizendo que, quanto mais próximo de uma fantasia incestuosa, mais sintomas podem ser esperados.

Usando esse último exemplo como o primeiro de alguns que ilustram algumas identificações de A. com a sua mãe, ou seja, o fato de a figura de sua mãe provavelmente estar ligada ao seu ideal de eu, do supereu (Freud, 1923), isso também representa um abandono do investimento objetal, sendo assim substituído por tal identificação. É interessante ela pontuar como percebe a semelhança entre o seu gemido e o de sua mãe, dizendo que é na mesma intensidade e duração. Além disso, comenta como a mãe também sofreu abuso aos 14 anos e que, quando fazia brincadeiras sexuais na infância, a chamava de *papai e mamãe*.

B. e M. comentam sobre sua relação em mandar nudes. Apesar do primeiro não expressar uma relação problemática com essa prática, o segundo considera essa prática excessiva. Revelando traços exibicionistas, justificam como necessidade de validação de outros homens, por terem a autoestima baixa. Esse comportamento se aproxima do que poderia ser considerado um fetiche.

Outro participante, J., também revela traços fetichistas ao se denominar como voyeur, seu relato se aproxima mais ainda do que Freud (1905) denomina como fetiche pois, segundo ele, não consegue suprir seus desejos sexuais sem os vídeos, não sentindo o mesmo prazer ao

se relacionar com alguém. Retomando a diferenciação entre o fetichismo, que estaria no campo das perversões, e a compulsão, situada no campo das neuroses, o objeto de fetiche é imprescindível ao prazer, diferenciando-se nesse ponto do objeto de compulsão que, apesar da necessidade intensa, não caracteriza-se por ser indispensável, ou seja, o sujeito pode obter prazer também de outros jeitos (Gurfinkel, 2011).

3.3 Autoimagem e desempenho sexual

Eu acho que interfere um pouco na minha autoestima, né? [...] Eu fico com muita dificuldade de acreditar que... outras pessoas poderiam achar o meu corpo... interessante né ou se elas teriam tesão no meu corpo. - B., 31 anos.

A. explica como a pornografia distorceu sua autoimagem no sentido de uma sexualização precoce. Além de ser assediada desde os 10 anos de idade, ela foi estuprada 3 vezes entre os 15 e 18 anos, além de ter tido fotos íntimas divulgadas sem seu consentimento. Apresenta culpa e responsabilidade sobre isso, diz que se colocou em situações de risco. Ademais, transava todos os dias da semana com pessoas diferentes se esforçando muito para performar, chegou a fazer vídeos caseiros e achava que sexo se resumia a isso. Ela relata ter atingido uma maturidade, para além da sexual, muito cedo em sua vida, acarretando em um olhar emancipatório e adultizador também de sua família para com ela, comentou que até mesmo ia nas reuniões de pais de sua escola, verbaliza: *eu sendo pai de mim mesma.*

Para além de suas vivências, a pornografia tem lugar nessa concepção do papel feminino no sexo e na pornografia. O corpo feminino é objetificado e estabelecido como passível de controle masculino. A submissão da mulher é algo muito presente na pornografia, muitas vezes acompanhada de humilhações e violências (Lagazzi et. al., 2017). A ausência de uma conexão emocional ou minimamente afetuosa é algo que limita as mulheres a um lugar

de objeto de desejo e nunca como sujeitos desejantes. O retratamento do prazer feminino é irreal e subordinado (Giddens, 1993). No relato de A., a pornografia homossexual lésbica é algo ainda mais discrepante da realidade, também sendo feita para homens e retratando o sexo de forma performativa.

A maior consequência de um consumo intenso, na visão de B., é o impacto sentido em sua autoestima; na maneira que enxerga seu corpo e outros corpos, no seu desejo sexual e até mesmo em sua performance. *Todos os corpos que eu vejo são, né? Pessoas malhadas e saradas, né? Então até quando eu tiro uma foto minha, mesmo, né? Sem camisa ou algo assim eu fico, eu fico considerando que eu. Eu ainda não cheguei lá, né.* Relata ter dificuldade de achar seu corpo atraente e que os outros achem isso. Fica clara a autocobrança na direção de uma pressão estética agravada pelo consumo pornografia; além de se sentir pressionado a malhar mais e comer menos, B. também queria ter um pênis maior.

Outras consequências sentidas pelos participantes e associadas ao uso intenso de pornografia estão atreladas a execução do ato sexual. Como já pontuado em relação a A., ela sentia-se incapaz de ter orgasmos, e além disso, discorre sobre uma performance exacerbada de sua parte incompatível com o prazer sentido. B. e M. comentam sobre frustrações em não conseguirem desempenhar o que assistiam, acarretando em *disfuncionalidades e impotência*. M. diz, *já teve momentos em que fiquei lembrando de algumas cenas do twitter, de algum vídeo que eu consumi, e aí não sei porque fiquei com a cabeça lá.* Chama atenção a ambiguidade da palavra *cabeça* em sua frase, insinuando uma conexão com o órgão sexual na cultura. Tendo isso em vista, se faz oportuna a colocação de Caló (2019), quando noticia alguns sintomas que podem acompanhar o vício em pornografia como a perda de interesse pela parceria, disfunção erétil, ejaculações precoce ou retardada e dificuldades de ter relações em geral.

O consumo exagerado de pornografia prejudica relações reais. A quantidade infindável de conteúdos distorce a percepção dos sentidos subjetivos e percepções atribuídos ao sexo. Relembrando uma importante informação tratada no início deste trabalho, a pornografia se torna presente na vida de um adolescente de em média 15 anos, e este, assistirá uma média de 1.400 sessões antes de sua primeira relação sexual. Essa desconexão entre o que foi simbolizado como sexo e o que acontece na realidade, também pode estar associado à disfunção erétil, baixa libido e ejaculação precoce (Zimbardo et al., 2016). J. traz seu relato que vai de acordo com essa reflexão, segundo ele, a realidade é frustrante depois de consumir tanto pornô: *você vai ter sua primeira experiência sexual, você vai ver como é aquilo, aí você vai imitar uns filmes na sua cabeça achando que tu vai arrasar na hora, e não, as coisas não funcionam assim.*

J. faz outra narrativa interessante nesse sentido. Ele relata dificuldade em relações reais, desde a aproximação com o outro, até a relação sexual. Para ele, é melhor ficar em casa e se masturbar do que sair pra conhecer alguém: *Posso até conhecer alguém, mas não consigo manter um diálogo além daquilo, sabe.*

Complementar a isso, a explicação fisiológica de Doidge (2010) expõe como cérebros de pessoas viciadas em drogas como heroína e cocaína possuem danos semelhantes aos viciados em pornô: os mapas cerebrais vão sendo direcionados para esses conteúdos e moldados para se satisfazerem com suas variações, sem consciência. Em uma analogia freudiana, ilustra-se a libido sendo direcionada compulsivamente e inconscientemente a este objeto.

M. declara que, se tivesse um consumo apropriado e saudável de pornografia, em sua perspectiva, iria melhor a qualidade de seu dia e também sua performance em atos reais. Ele enfatiza que sua frequência diária de consumo gasta sua energia, que poderia ser direcionada a outras atividades. Sua sensação perante uso de pornografia é exatamente o que Gurfinkel

(2011) descreve como adicção: o sujeito condena-se a tamanho uso daquilo que acontece um descontrolo perante aquele objeto, prejudicando seu poder de decisão.

Considerações finais

De maneira condensada, este estudo se propôs a revisar o que influencia, impacta e promove a compulsão por pornografia na contemporaneidade e possíveis consequências decorrentes desta adicção.

Tendo em vista que os objetivos pretenderam abarcar diversas temáticas ligadas ao consumo de materiais pornográficos sendo elas: a forma como o mundo digital instiga, contribui, facilita e embasa o consumo de pornografia, tornando-o mais suscetível ao vício; a maneira como a sociedade se fundamenta em um histórico de repressão e rechaçamento das sexualidade, além de um estabelecimento de “regras” que regulam e padronizam todo o comportamento sexual, conseqüentemente gerando fugas e exceções mesmo que inconscientes (Neto & Ceccarelli, 2015) e o próprio histórico de vida, singularidade e vivências do sujeito como um todo, que fundamentalmente permeiam o campo da sexualidade (Organização Mundial da Saúde, 2015), tudo isso foi exaustivamente esclarecido e embasado na literatura existente, entrelaçada com reflexões próprias da autora.

Para além de uma corroboração literária, aquilo que foi escutado vai ao encontro do que foi estudado e referenciado no trabalho. Diante de relatos que nitidamente, sem exceções, abarcam a questão da atual acessibilidade à internet como uma das condições favorecedoras do vício, trazendo uma satisfação de curta durabilidade e contendo materiais praticamente ilimitados (Bauman, 2000), vê-se um mal-estar nas pessoas que é revertido em ações excessivas (Birman, 2004). Então, narrativas que indicam o vício no celular, o bombardeamento de imagens e vídeos pornográficos vindos de redes sociais e a comodidade de visitar sites em qualquer momento por simples cliques demonstram o atravessamento tecnológico do vício em pornografia.

Muitas vezes as descrições em títulos de vídeos ou os próprios conteúdos produzidos geram, em um primeiro momento, um afastamento do sujeito e sensações angustiantes (Neto

& Ceccarelli, 2015). Ou, então, no âmbito público, o sujeito expressa aversão a certas representações sexuais, porém acaba atraindo-se mais tarde por aquilo, no âmbito privado. Entende-se que esse fenômeno pode estar de acordo com o que Freud (1905) chama de recalque. Além disso, ele pontua que toda sexualidade possui um lado perverso, podendo então, as moções sexuais reprimidas estarem sendo direcionadas para alguma particularidade representada de alguma forma pela pornografia. Isso tudo fica claro também na fala dos participantes, quando revelam fantasias por meio de suas falas, incorporadas por “tropeços”, como: equívocos, pontuações, atos falhos e ambiguidades interessantes e anunciadores quando contextualizados. Uma fala muito interessante que se faz pertinente, é quando A. conta que o que a mais a atrai na pornografia é o fato de não existirem tabus, sendo possível colocar em prática fantasias que seriam repudiadas socialmente.

A história de vida e particularidades psíquicas de cada sujeito também têm lugar no direcionamento intenso da libido para a pornografia. Nos resultados obtidos, por exemplo, todos os participantes começaram a consumir pornografia ainda muito jovens, alguns até mesmo na infância. Ademais, foram influenciados por amigos mais velhos que contribuíram para a posição subjetiva dos participantes frente a esses conteúdos. As análises feitas demonstram, em alguma medida, como o começo do consumo de pornografia e outras vivências influenciaram além da intensidade de consumo mais atual em pornografia, também a própria relação dos sujeitos com o ato sexual, e até mesmo algumas de suas fantasia mais íntimas.

No tocante às consequências da pornografia, nota-se que várias falas dos participantes corroboram o que Levy (2012) disserta a respeito da condição de elaboração simbólica do sujeito. Várias falas expressam uma posição do sujeito de uma certa dificuldade de realizar fantasias por meio de sua própria imaginação, recorrendo a imagens prontas do ato sexual, pois é mais “fácil” do que simbolizar e permear o campo da imaginação singular. Pensando

nisso, é possível fazer uma analogia com livros e filmes: é notável que algumas pessoas preferem ver o filme ao ler o livro de alguma obra. Em parte, não há problema nessa escolha e preferência do sujeito, em outra, sabe-se que ele está deixando de desfrutar de seu âmbito particular simbólico, trocando suas próprias representações subjetivas por imagens prontas e concretas. Isso é prejudicial para sua dimensão criativa e elaboração desejante, abrindo caminhos para núcleos de insatisfação, quando em excesso (Levy, 2012).

Mais consequências do consumo intenso de pornografia anunciam problemas nas relações reais. A distorção de como o sexo é simbolizado ao assistir pornografia e como este acontece em cada realidade individual, pode estar relacionada com problemas na hora do ato sexual: disfunção erétil, ejaculação retardada ou precoce e dificuldades de libido são alguns sintomas associados ao alto consumo de pornografia (Zimbardo et al., 2016). Isso também pode vir acompanhado de prejuízos na visão que o sujeito tem de si próprio, gerando pressões de autoimagem que o fazem se sentir insuficiente, como demonstrado em algumas falas de B., que não se sente “sarado” o suficiente.

Curiosamente, neste trabalho, foi difícil o contato com homens heterossexuais, sendo em maioria mulheres que se disponibilizaram a participar. Isso é contraditório às estatísticas que falam sobre o público que mais consome pornô, sendo em sua maioria, homens (Muraro, 2018). Por estes e outros motivos, sugere-se que pesquisas futuras invistam em responder questões acerca do traspassamento da orientação sexual de quem assiste e de quem produz estes conteúdos. Qual a orientação sexual da maioria destes homens que assistem? De que formas pode a pornografia heterossexual sustentar o machismo atualmente? Como a pornografia homossexual pode afetar a subjetividade de quem a assiste? Quais representações podem estar por trás das diferentes produções de pornografia hetero e homossexual? Qual a relação entre a procura por pornografia transexual e uma sociedade transfóbica?

Referências

Adrianzen Rojas, J. J. (2021). Análisis de la Producción Audiovisual sobre la Pornografía en Only Fans [Trabalho de conclusão de curso, Universidad César Vallejo]. Lima, Peru.

Barros, M. B. A., Lima, M. G., Malta, D. C., Szwarcwald, C. L., Azevedo, R. C. S., Romero, D., ... Gracie, R. (2020). Relato de tristeza/depressão, nervosismo/ansiedade e problemas de sono na população adulta brasileira durante a pandemia de COVID-19. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 29(4), e2020427.

Bauman, Z. (2000). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar

Birman, J. (2004) Excesso e ruptura de sentido na subjetividade hipermoderna. *Cadernos de Psicanálise*, 26(17), 175-195

Brecha, M. G., Lopez, N. P., & Postigo, V. M. C. (2012). Voracidade e sofrimento psíquico na adicção: considerações sobre compulsão, hedonismo e imediatismo contemporâneo. V Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e XI Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental, Florianópolis, SC, Brasil, 69, 4-7.

Casagrande, E. (2022, agosto, 16). Top 100 sites mais acessados no Brasil [Blog]. Recuperado de <https://pt.semrush.com/blog/top-100-sites-mais-visitados/>

Caló, F. A. (Data desconhecida) Vício em pornografia: o que é e formas de tratamento [Blog]. Recuperado de <https://inpaonline.com.br/blog/vicio-em-pornografia-2/>

Cortêz, N. (2018, 6 de setembro). Apenas 36% das mulheres têm orgasmo durante o sexo, mostra pesquisa inédita [Revista]. Recuperado de: <https://revistamarieclaire.globo.com/Amor-e-Sexo/noticia/2018/09/apenas-36-das-mulheres-tem-orgasmo-durante-o-sexo-mostra-pesquisa-inedita.html>

- Doidge, N. (2010). *The Brain That Changes Itself*. New York, NY: Penguin Books.
- Ferreira, M. C. L. (2005). Linguagem, ideologia e psicanálise. *Estudos da lingua(gem)*, 1, 69-75.
- Figueiredo, A. C. (2004). A construção do caso clínico: uma contribuição da psicanálise à psicopatologia e à saúde mental. *Latinoamericana de psicopatologia fundamental*, 1, 75-86.
- Figueiredo, L. C., & Minerbo, M. (2006) Pesquisa em psicanálise: algumas ideias e um exemplo. *Jornal de Psicanálise*, 39(70): 257-278. São Paulo.
- Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Freud, S. (1920). *Além do Princípio do Prazer*. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1915). *As pulsões e seus destinos*. Autêntica.
- Freud, S. (1919). *O Estranho*. Recuperado de https://conteudos.files.wordpress.com/2016/02/ensaio-o-estranho_freud.pdf
- Freud, S. (1923). *O Eu e o Id*. São Paulo: Companhia das letras.
- Freud, S. (1927). *O fetichismo*. São Paulo: Companhia das letras.
- Freud, S. (1930). *Mal Estar na Civilização*. Lisboa: Relógio D'água.
- Freud, S. (1905). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. São Paulo: Companhia das letras.
- Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.
- Gregolin, M. R. V. (1995). A análise do discurso: conceitos e aplicações. *Alfa*, 39, 13-21.

Gurfinkel, D. (2011). *Adicções*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Henderson, G. F. (2017). A impotência sexual na obra de Freud. [Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília]. Repositório.

Kristeva, J. (1993). *As Novas Doenças da Alma*. Rio de Janeiro: Rocco.

Lagazzi, N. C., Sedlmaier, E. M., & Rodrigues, H. F. (2017). Pornografia é o erotismo dos outros: representações ficcionais do sexo. No Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades. Salvador, BA, Brasil, (p. 1). Recuperado de https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enlacando/2017/TRABALHO_EV072_M_D1_SA11_ID261_21062017181813.pdf

Levy, R. (2010). Desejo e prazer: a construção do sujeito pós-moderno. *Controvérsias na Psicanálise de Crianças e Adolescentes*. 6.

Lopes, M. A. (2016, outubro, 31). A (indiscreta) história da pornografia. [Revista científica]. Recuperado de <https://super.abril.com.br/historia/a-indiscreta-historia-da-pornografia/>

Medium (2020, novembro, 23). O Perturbador Lado Escondido da Tendência da Pornografia de Incesto [Blog]. Recuperado de <https://medium.com/recuse-a-clicar/o-perturbador-lado-escondido-da-tend%C3%Aancia-da-pornografia-de-incesto-a0a25b541bd4>

Moraes, E. R. (2004). Sexo como mito | Eliane Robert Moraes [Vídeo]. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=KCroaGnOLiU>

Muraro, C. (2018, maio, 17). 22 milhões de brasileiros assumem consumir pornografia e 76% são homens, diz pesquisa [Jornal eletrônico]. Recuperado de

<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/22-milhoes-de-brasileiros-assuem-consumir-pornografia-e-76-sao-homens-diz-pesquisa.ghtml>

Nápoli, L. (2021). O que ninguém te conta sobre o vício em pornografia | Lucas Nápoli. [Vídeo]. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=S9PMGpm7GQU>

Neto, A. R., & Ceccarelli, P. R. (2015). Internet e pornografia: notas psicanalíticas sobre os devaneios eróticos na rede mundial de dados digitais. *Reverso*, 37(70), 15-22.

Organização Mundial da Saúde, (2022). CID-11 para estatísticas de mortalidade e morbidade. Geneva: Autor. Recuperado de: <https://icd.who.int/browse11/l-m/en#/http%3a%2f%2fid.who.int%2fid%2fentity%2f1630268048>

Orlandi, E. P. (2005). Michel Pêcheux e a análise do discurso. *Estudos da lingua(gem)*, 1, 9-13.

Paul, P. (2004, janeiro, 19). Behavior: The porn factor. [Jornal eletrônico]. Recuperado de <https://content.time.com/time/subscriber/article/0,33009,993158-3,00.html>

Rosa, M. D., & Domingues, E. (2010). O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. *Psicologia e Sociedade* 22(1), 180-188.

Silva, D. Q. (2013). A pesquisa em psicanálise: o método de construção do caso psicanalítico. *Estudos de psicanálise*, 39, 37-46.

Unzer, P. (2020). Pornografia na psicanálise. [Vídeo]. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=wICe4Hrw8nw&t=1s>

Uol. (2018). Pesquisa mostra que 70% dos homens preferem pornô amador. [Jornal eletrônico]. Recuperado de

<https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/2017/06/pesquisa-mostra-que-70-dos-homens-preferem-porno-amador?amp#>

Valente, J. A. (Data desconhecida). A Pornografia na Era Digital. Métodos e Técnicas de Pesquisa e Desenvolvimento de Produtos em Midialogia. Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP.

Wilson, C. (2016, outubro, 1). The truth about pornography [Revista científica]. <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/175556/9786586232363-por.pdf>

Apêndice A

Formulário Google

1. Anexo do TCLE (Anexo A) em formato de pergunta de múltipla escolha com uma opção: “Li e concordo com os termos de participação”.
2. “Qual a sua idade?” em formato de múltipla escolha contendo quatro opções: “18-25 anos”; “26-35 anos”; “36-45 anos”; “+ 45 anos”.
3. “Com qual gênero você se identifica?” em formato de múltipla escolha contendo quatro opções: “Mulher”; “Homem”; “Não-binário”; “Outros”.
4. “Com que frequência você assiste conteúdos pornográficos, em média?” em formato de múltipla escolha contendo seis opções: “1 vez na semana”; “2 - 3 vezes na semana”; “4 - 5 vezes na semana”; “Todos os dias da semana”; “Mais de uma vez por dia”; “Outros”.
5. “Como você classificaria seu consumo de pornografia?” em formato de múltipla escolha contendo cinco opções: “Normal”; “Acima da média”; “Excessivo”; “Problemático”; “Outros”.
6. “Você acha que sua frequência de consumo afeta outras áreas de sua vida?” em formato múltipla escolha contendo três opções: “Sim”; “Não”; “Não sei”.
7. “Se sim, quais?” em formato de parágrafo.
8. “Você está disposto a realizar uma entrevista sobre o assunto com garantia de sigilo, podendo desistir a qualquer momento?” em formato de múltipla escolha contendo duas opções: “Sim”; “Não”.

9. “Fim! Caso você tenha respondido "Sim", a pesquisadora entrará em contato para realizar a marcação da entrevista. Lembrando da necessidade da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que autoriza a realização da entrevista e permite a desistência a qualquer momento da participação. Qualquer dúvida entrar em contato pelo e-mail isabellarocha@sempreceub.com. Obrigada! Deixe aqui um meio de contato:” em formato de resposta curta.

Apêndice B

Entrevista semi-estruturada

1. Como é seu dia a dia?
2. Quem são as pessoas que você mais convive? Como é a convivência?
3. Como você se relacionava com essas pessoas na infância? Você vê alguma diferença para os dias atuais?
4. Você namora ou é casado (a)? Como é sua relação com com ela (e)?
5. Em geral, essa relação é parecida com a de ex namoradas (os)?
6. Como você definiria a pornografia?
7. Há quanto tempo você consome pornografia? Como começou?
8. Você tem um tipo de pornografia preferido? Se sim, qual?
9. Você considera seu consumo em pornografia como intenso/problemático? Por que?
10. Há quanto tempo você tem um consumo problemático? Como começou?
11. De que maneiras isso interfere na sua vida?
12. Em quais momentos você acha que está mais suscetível a consumir pornografia?
13. Você já notou consequências do uso em suas relações?
 - a. Quais? Como?
14. Se a partir de agora você não fosse mais viciado em pornografia, o que você acha que mudaria em sua vida?
15. Você associa algum evento em sua vida que pode estar relacionado ao desenvolvimento desse vício nos dias atuais?
16. Na sua experiência, o que faz a pornografia ser tão viciante?
17. Gostaria de acrescentar algo que não foi perguntado?

Anexo A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Pornografia, adicção e psicanálise: uma interface entre cultura e inconsciente

Instituição das pesquisadoras: Centro Universitário de Brasília - UniCEUB

Pesquisador responsável: Profa. Ma. Lívia Campos e Silva

Pesquisadora assistente: Isabella Viviana Rocha Lara Resende

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo.

O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado a assiná-lo e receberá uma cópia do mesmo.

Antes de assinar faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

Natureza e objetivos do estudo

- O objetivo específico desse estudo é analisar o consumo frequente e constante de pornografia e seus desdobramentos socioculturais, inconscientes e subjetivos

- Você está sendo convidado a participar exatamente por corresponder ao perfil delimitado para essa pesquisa.

Procedimentos do estudo

- Sua participação consiste em responder uma entrevista individual sobre o tema focalizado na pesquisa.

- O procedimento consiste na realização de uma entrevista individual semiestruturada.

- Não haverá nenhuma outra forma de envolvimento ou comprometimento neste estudo.

- A entrevista será gravada, com o consentimento do participante, para facilitar o posterior trabalho de análise.

- A pesquisa será realizada via Google Meet em data e horários a marcar de acordo com a disponibilidade do participante e da entrevistadora

Riscos e benefícios

- Este estudo possui baixos riscos, que são inerentes ao procedimento de entrevista. Medidas preventivas, durante a entrevista, serão tomadas para minimizar qualquer risco ou incômodo. Por exemplo, será esclarecido que não há respostas certas ou erradas em

relação às perguntas que serão apresentadas e que é esperado que o/a participante responda de acordo com as suas opiniões pessoais.

- Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento você não precisa realizá-lo.
- Sua participação poderá ajudar na construção de uma compreensão mais aprofundada sobre o tema em questão.

Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

- Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar. Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando, para isso, entrar em contato com uma das pesquisadoras responsáveis.
- Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

Confidencialidade

- Seus dados serão manuseados somente pelos pesquisadores e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- O material com as suas informações (gravação da entrevista) ficará guardado sob a responsabilidade da pesquisadora assistente, Isabella Viviana Rocha Lara Resende, com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade e será destruído após a pesquisa.
- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas, entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/Uniceub, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966.1511 ou pelo e-mail cep.uniceub@uniceub.br. Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

Eu, _____ RG _____, após receber uma explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo.

Este Termo de Consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pela pesquisadora assistente, e a outra será fornecida ao senhor(a).

Brasília, ____ de _____ de _____

Participante

Pesquisadora Responsável: Lívia Campos e Silva

E-mail: livia.campos@ceub.edu.br

Pesquisadora Assistente:
Celular: (61)9 XXXX-XXXX – E-mail:

Endereço do/a(os/as) responsável(eis) pela pesquisa:

Instituição: Centro Universitário de Brasília – UniCEUB

Endereço: SEPN 707/907, Campus do UniCEUB

Bairro: Asa Norte

Cidade: Brasília – DF

CEP: 70790-075

Telefones p/contato: (61) 3966-1200